



Praia de Carro Quebrado, litoral norte de Alagoas: um dos 100 lugares.



# 100 LUGARES

que você precisa  
visitar antes de  
dizer que conhece o

# BRASIL

Uma lista do que o nosso país tem de mais bonito,  
mais gostoso e mais curioso

2ª impressão



**JORGE DE SOUZA**

Copyright © 2006 Jorge de Souza

Supervisão editorial **Marcelo Duarte**  
Assistente editorial **Tatiana Fulas**  
Projeto gráfico **Luciana Porto Alegre Steckel**  
Diagramação **Divina Rocha Corte**  
Capa **Jorge de Souza**  
Mapa **Bruno Algarve**  
Revisão **Telma Baeza G. Dias**  
**Cristiane Goulart**

Fotos **Jorge de Souza**

**Exceto:**

Beto Gomes: pp. 37, 117, 151  
Cornélio Júnior/Divulgação: p. 79  
Divulgação: pp. 41, 53, 61, 65, 67, 69, 71, 77, 93, 107, 143, 207  
Fernando Real/Divulgação: p. 45  
Gilbert Santana/Univinco: p. 73  
Instituto Mamirauá/Divulgação: p. 213  
J. Ramid/Divulgação: p. 199  
José de Arimatéia: p. 181  
Marcia de Almeida/Arquivo Fumdham: p. 193  
Marco de Bari: pp. 59, 99  
Milton Campos/Divulgação: p. 105  
Passarinho/Divulgação: p. 157  
TurisRio: p. 95  
Tito Rosemberg/Divulgação: p. 175

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE  
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

---

Souza, Jorge de

100 lugares que você precisa visitar antes de dizer que conhece o Brasil / Jorge de Souza. -  
São Paulo : Panda Books, 2006

1. Brasil - Descrições e viagens - Guias. 2. Viagens - Guias. I. Título.

06-2579.

CDD 918.1

CDU 913(81)

---

2007

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Lisboa, 502 – 05413-000 – São Paulo – SP

Tel.: (11) 3088-8444 – Fax: (11) 3063-4998

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

*Para Aline, que teve a paciência de esperar  
enquanto eu revirava o Brasil.*

# AS 7 MARAVILHAS DO BRASIL



## E OS OUTROS 93 LUGARES QUE VOCÊ PRECISA VISITAR

- 8 Assistir à nossa história no espetáculo de sons da Missão de São Miguel, 30
- 9 Passear de maria-fumaça pelo Vale dos Vinhedos, 32
- 10 Empanturrar-se com o café colonial do Opa's Kaffeehaus, 34
- 11 Caminhar na beira dos cânions de Cambará do Sul, 36
- 12 Virar gaúcho por um dia na fazenda Invernada do Pessegueiro, 38
- 13 Ver a neve cair em Urubici, 40
- 14 Ver baleias e dormir bem na Praia do Rosa, 42
- 15 Curtir uma praia diferente na Guarda do Embaú, 44
- 16 Ler os bilhetes nas paredes do Bar do Arante, 46
- 17 Descobrir a beleza virgem da praia de Lagoinha do Leste, 48
- 18 Conhecer um pedaço da Alemanha em Pomerode, 50
- 19 Comer e beber nas festas alemãs de Santa Catarina, 52
- 20 Tomar um banho de adrenalina no passeio Macuco Safári, 54
- 21 Desfrutar da invejável qualidade de vida de Curitiba, 56
- 22 Almoçar no gigantesco restaurante Madalosso, 58
- 23 Descer de trem a Serra da Graciosa, 60
- 24 Curtir a doce tranquilidade da Ilha do Mel, 62
- 25 Despençar das alturas na Tour Eiffel do parque Hopi Hari, 64
- 26 Provar a pizza de abobrinha da pizzaria Bendita Hora, 66
- 27 Saborear a feijoada do restaurante Bolinha, 68
- 28 Curtir a modernidade chique do Hotel Unique, 70
- 29 Fazer compras baratíssimas na rua 25 de Março, 72
- 30 Assistir ao desfile dos coloridos na Parada Gay, 74
- 31 Mandar as crianças e tentar conhecer o Sítio do Carroção, 76
- 32 Entrar no clima dos rodeios, na Festa do Peão de Barretos, 78
- 33 Curtir matas e praias, ao mesmo tempo, em Ilhabela, 80
- 34 Desbravar e se deslumbrar com as praias de Ubatuba, 82
- 35 Dirigir pelas praias e serras da Santos-Rio, 84
- 36 Passear de barco pelas ilhas de Angra dos Reis, 86
- 37 Caminhar e navegar de praia em praia na Ilha Grande, 88
- 38 Caminhar pelos calçadões da praias cariocas, 90
- 39 Tomar um chope no histórico Bar Luiz, 92
- 40 Passear pela história e beleza de Petrópolis e Teresópolis, 94
- 41 Curtir o visual das montanhas de Gonçalves, 96
- 42 Provar o pão de queijo com lingüiça do Café com Prosa, 98
- 43 Curtir o charme e o artesanato de Tiradentes, 100
- 44 Conhecer as ladeiras de Ouro Preto e a igreja São Francisco de Assis, 102
- 45 Beber e petiscar nos botecos de Beagá, 104
- 46 Ouvir música e comer pão de queijo em Diamantina, 106
- 47 Fazer flutuação no Rio da Prata, 108
- 48 Descer de rapel e mergulhar no Abismo Anhumas, 110
- 49 Hospedar-se numa fazenda pantaneira, 112
- 50 Lavar o corpo e a alma na Chapada dos Veadeiros, 114
- 51 Fazer turismo cívico pelos palácios do governo, 116
- 52 Aproveitar as delícias do mar de Guarapari, 118
- 53 Curtir a paisagem e as delícias da Serra Capixaba, 120

- 54 Comer os PFs de camarão do Paulinho Pescador, 122
- 55 Aproveitar a discreta sofisticação de Santo André, 124
- 56 Curtir a boa vida do Txai Resort, 126
- 57 Tomar banho de mar em Taipus, na península de Maraú, 128
- 58 Comer lagostas a preço de banana em Boipeba, 130
- 59 Bater pernas nas ladeiras do Pelourinho, 132
- 60 Provar a nova comida baiana do restaurante Paraíso Tropical, 134
- 61 Visitar a aldeia ainda hippie de Arembepe, 136
- 62 Ver a captura do aratu em Mangue Seco, 138
- 63 Caminhar pelas paisagens da Chapada Diamantina, 140
- 64 Comer carne-de-sol no restaurante O Miguel, 142
- 65 Navegar no São Francisco e visitar Penedo, 144
- 66 Descobrir o mais lindo trecho do litoral do Nordeste, 146
- 67 Descansar com muito prazer na Pousada do Toque, 148
- 68 Explorar, de caminhão, o Jalapão, 150
- 69 Assistir ao Grand Prix de Jegues, 152
- 70 Curtir as piscinas e o estilo de Porto de Galinhas, 154
- 71 Ver e participar do Carnaval de Olinda, 156
- 72 Tomar banho de mar nu, na praia de Tambaba, 158
- 73 Tomar caldinho na barraca do Zezinho em Barra de Gramame, 160
- 74 Comer a boa comida nordestina do Mangai, 162
- 75 Assistir ao pôr do sol ouvindo o bolero de Ravel, no Jacaré, 164
- 76 Fazer um batismo de mergulho em Fernando de Noronha, 166
- 77 Fazer um passeio de barco para ver os golfinhos de Noronha, 168
- 78 Caminhar entre a Praia do Sancho e a Baía dos Porcos, 170
- 79 Tomar banho nas águas mágicas da Lagoa Coca-Cola, 172
- 80 Conhecer a originalidade da Book Shop, 174
- 81 Brincar nas dunas de Genipabu, 176
- 82 Curtir o isolamento de Galinhos, 178
- 83 Assistir à romaria de Padre Cícero, em Juazeiro, 180
- 84 Dançar até cansar nas segundas-feiras do Pirata, 182
- 85 Comer tapioca no Ponto das Tapioqueiras de Fortaleza, 184
- 86 Passear de jangada na Praia da Lagoinha, 186
- 87 Desbravar Icarazinho da Amontada, 188
- 88 Ver o pôr do sol na grande duna de Jericoacoara, 190
- 89 Fazer turismo arqueológico na Serra da Capivara, 192
- 90 Admirar a natureza variada da Ilha do Caju, 194
- 91 Caminhar pelas areias desertas da Ilha do Algodão, 196
- 92 Participar da megafesta da fé do Círio de Nazaré, 198
- 93 Tomar sorvete de açaí com tapioca da sorveteria Cairu, 200
- 94 Ver o exotismo do mercado Ver-o-Peso, 202
- 95 Fazer um cruzeiro pela Amazônia no Iberostar, 204
- 96 Assistir ao espetáculo folclórico do Festival de Parintins, 206
- 97 Fazer uma caminhada na selva amazônica, 208
- 98 Provar os diferentes guaranás da Amazônia, 210
- 99 Hospedar-se na pura selva da Pousada Uacari, 212
- 100 Conhecer o extremo do Brasil, 214



## **Para escolher 100, eu visitei mais de 1.000**

Tudo começou quando, um dia, alguém me disse que o bolinho de bacalhau do Bar Bracarense, no Leblon, era tão bom, mas tão bom, que deveria entrar para o Patrimônio Mundial da Humanidade. Ri, é claro. Imagine só, querer colocar um simples bolinho no mesmo nível de importância de Acrópolis ou Jerusalém! Mas, em seguida, pensei: péra lá! Se, na opinião de certas pessoas, experimentar um bolinho de bacalhau pode ser tão prazeroso quanto penetrar num monumento histórico é porque ele deve ser realmente excepcional. E fui até o Rio de Janeiro experimentar. E não é que era mesmo?

A partir daí, passei a reconsiderar as avaliações de minhas viagens. O trivial “gostei” ou “não gostei” passou a ser consequência direta de uma série de fatores e não mais só de um deles, quase sempre ligado apenas à estética do lugar. Com isso, passei a curtir meros detalhes de certos lugares (que, do contrário, seriam apenas meros detalhes mesmo...) e até transformei alguns deles na essência – quando não a própria razão! – das minhas viagens. Como alguém que vai até o fim do mundo só para conhecer um novo restaurante – e quantos já não fizeram isso! Ou muda de rumo, atraído unicamente pelo nome curioso de um lugar que surgiu pelo caminho – eu sempre fiz isso!

Comecei, então, a colecionar atrativos não-convencionais e a dedicar a eles quase a mesma importância de tradicionais cartões-postais. Assim, conhecer um curioso boteco de Florianópolis, cheio de bilhetinhos grudados nas paredes, passou a ser tão irresistível para mim quanto visitar as prin-

cipais praias de Floripa. Comer uma tapioca no Ponto das Tapioqueiras, em Fortaleza, tão gostoso quanto rasgar, de buggy, todo o litoral do Ceará.

Com isso, acabaram-se, também, meus maus humores com o mau tempo (nada irrita mais um visitante em busca de paisagens do que dias feiosos...) e a completa decepção com os lugares menos privilegiados pela beleza. Passei, enfim, a ver algo interessante até em locais sem, aparentemente, interesse algum, o que em parte explica certos locais que você encontrará neste livro. Como a desconhecida Panelas, no agreste de Pernambuco, ou a relativamente famosa, mas nada turística, Oiapoque, nos cafundós do Amapá. A primeira tem uma hilariante corrida anual de jegues; a outra, uma exótica fronteira de filme de faroeste – em qualquer um dos casos, boas razões para ir até lá. Pelo menos na minha opinião, já que, acima de tudo, este livro exibe uma lista pessoal e totalmente subjetiva da imensa variedade brasileira. Um painel – volto a dizer, só meu! – do que o Brasil tem de mais bonito, mais gostoso e, principalmente, mais curioso – e não necessariamente nesta ordem de méritos.

Por isso, peço que não tome a lista que irá encontrar a seguir como conclusiva, muito menos inquestionável. É bem provável que eu tenha destacado um ou outro programa que você irá detestar, da mesma forma como, possivelmente, ficaram de fora passeios que você recomendaria de olhos fechados – gosto, afinal, não se discute. Talvez, eu mesmo não tenha gostado tanto assim de todos eles. Mas, por diferentes razões, certas peculiaridades os tornaram curiosos, daí sua inclusão na lista. Ou seja, não necessariamente você apreciará todas as indicações deste livro, embora, para selecionar estes 100 lugares (ou coisas de certos lugares...) eu tenha visitado mais de 1 000 deles. Porém, se da próxima vez que encontrar os amigos quiser estufar o peito e dizer, com certa autoridade, que conhece o Brasil (o que, no entanto, sempre pressupõe uma certa arrogância, dadas as dimensões continentais do nosso país...), é preciso, no mínimo, já ter visitado muitas das indicações que aqui estão.

Algumas são óbvias, como seria de esperar de um país que tem tantas atrações que só elas já preencheriam um livro intei-

ro – por isso, limitei nossas obviedades turísticas aos destinos que compõem as sete maravilhas do Brasil e que abrem a lista a seguir. Outras atrações, como a tal corrida de jegues em Pernambuco, nada têm de famosas – são, apenas, curiosas. Mas, mesmo quando o lugar sugerido for manjado ou consagrado, a proposta do que fazer nele nem sempre é. Não basta ir ao Rio de Janeiro, é preciso tomar um chope no Bar Luiz, entende? Sair do macroturismo e entrar na microdica. É disso que trata este livro. De certos detalhes que fazem toda a diferença em muitos lugares. Este livro tem, também, muitas referências e sugestões gastronômicas, porque provar determinada iguaria regional pode ser a melhor coisa de uma viagem. No mínimo, um dos pontos altos dela. Até porque, alguém também já disse que comer é a melhor maneira de “engolir” por completo um lugar. Também já disseram que a melhor maneira de dar valor a um país é conhecê-lo por inteiro, razão pela qual este livro vai de Norte a Sul, do curioso ao esplendoroso, do bonito ao apenas diferente.

Tome, enfim, esta lista como um mero incentivo para montar a sua própria relação das melhores coisas do Brasil. Críticas, reclamações e sugestões de inclusões não de pipocar (e, neste caso, anote aí o meu email: [jrgsouza@uol.com.br](mailto:jrgsouza@uol.com.br)). Afinal, listas são pura opinião. E opinião cada um tem a sua. Estas são as minhas.

**Jorge de Souza**



---

As

7

maravilhas  
do Brasil

---



## Floresta Amazônica

Faça o teste: é dez vezes mais fácil achar um brasileiro que já tenha ido a Paris do que visitado a Amazônia. É uma pena, porque penetrar na Floresta Amazônica é uma das experiências mais interessantes que qualquer ser humano cem por cento urbano pode ter. Nosso sentimento com relação à maior reserva verde do planeta (e que é brasileira!) é, no mínimo, curiosa: enquanto os estrangeiros morrem de inveja da Amazônia, nós nos envergonhamos de tê-la. Como se o fato de possuímos uma gigantesca área virgem, onde ainda predominam os bichos e até alguns índios, fosse um retrocesso cultural nacional. A Amazônia é imensa. Muito maior do que se possa imaginar. Só é possível ter alguma noção de seu tamanho dizendo que ela ocupa

quase metade do Brasil inteiro e que em sua área caberiam duas vezes a Índia, país que, com mais de 1 bilhão de habitantes, está longe de ser pequeno. Dentro de apenas um dos seus parques, o do Jaú, caberia Israel com folga. A Floresta Amazônica é um rosário quase interminável de superlativos: maior reserva ecológica do mundo em área tropical, dona de quase um quarto de todas as espécies de aves do planeta, campeã mundial da biodiversidade e maior reserva de água doce da Terra. Calcula-se que 25% de toda a água potável do planeta esteja nos seus rios, a começar pelo maior de todos eles, o Amazonas, que, sozinho, abastece com um quinto da água todos os oceanos. E é este espetáculo que a maioria dos brasileiros prefere não assistir.

### VÁ...

... se acha que espetacular mesmo é a Torre Eiffel.

### NÃO VÁ...

... se não curte nem o verde da Bandeira Brasileira.

### ONDE?

A Amazônia ocupa uma área imensa, equivalente a quase 45% de todo o território brasileiro. Abrange oito estados (Amazonas, Pará, Acre, Roraima, Rondônia, Amapá, Tocantins e Mato Grosso), mas, turisticamente falando, seus principais portões de acesso são as cidades de Manaus e Belém, que oferecem a melhor infra-estrutura para os visitantes.

### QUANDO?

A Floresta é regida pelas águas. Tanto dos rios, quanto das chuvas. Na época da cheia, que vai de dezembro a junho, os rios sobem e inundam a mata. É quando a selva fica ainda mais impactante. Já no primeiro semestre do ano, chove em demasia, especialmente até abril, com tempestades violentas. Se não quiser se molhar, convém esperar.

## SE EU FOSSE VOCÊ...

... planejaria viajar sem pressa alguma, porque, na Amazônia, todos os caminhos são longos e imprevisíveis, já que não existem estradas, só rios.

... tentaria ficar um pouco distante (mas não precisa muito...) das cidades, para sentir a imponência da floresta e ouvir os sons da mata, sempre repletos de ruídos instigantes. Na Amazônia, a aventura é real.

... chegaria por Manaus, que tem a melhor infra-estrutura da Região Norte e oferece uma série de outros programas, para quem não quiser ficar só na selva.

... iria para um hotel de selva e passaria, pelo menos, duas ou três noites na mata, para começar a entender o que é a Amazônia.

... não perderia, de maneira alguma, as caminhadas pela floresta, porque só mesmo estando dentro dela é possível ter alguma idéia da dimensão, variedade e importância da selva.

... levaria calça, blusa de mangas compridas e repelentes de insetos, porque são eles quem mandam na floresta.

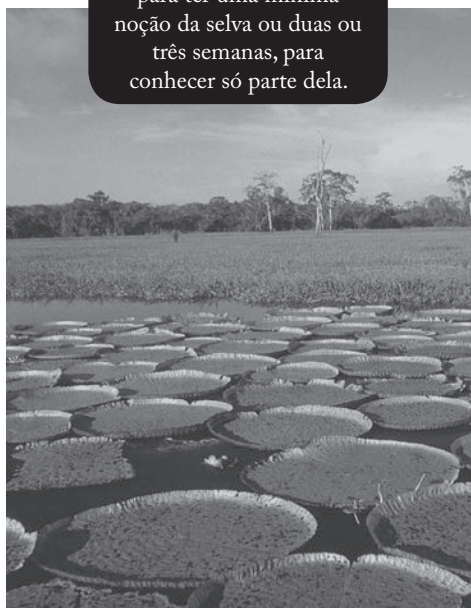
... iria na época da cheia dos rios.

Enquanto os estrangeiros morrem de inveja da Amazônia, nós nos envergonhamos de tê-la. Como se possuir uma área virgem fosse um retrocesso cultural.

QUANTO TEMPO FICAR?

**4 DIAS**

para ter uma mínima noção da selva ou duas ou três semanas, para conhecer só parte dela.



**APROVEITE PARA...**

... conhecer Manaus, uma cidade que, com ou sem selva, já vale a viagem.

## Fernando de Noronha

**S**e é verdade que ilhas fazem parte da fantasia de qualquer pessoa, então Fernando de Noronha é um sonho quase perfeito. Como convém a todo devaneio, o arquipélago tem o fascínio do isolamento, o encantamento de um mar cristalino, a sedução dos golfinhos e a magia de praias quase desertas, daquelas em que se há mais de duas pessoas no horizonte, já é considerada “cheia”. Praias, por sinal, não faltam nesta ilha, de rara geografia e que embala os sonhos de viagem de nove em cada dez turistas brasileiros. São nada menos do que 16 delas, sendo que, pelo menos cinco estão entre as mais lindas do país. Difícil é escolher qual. É um dilema eterno. A maior parte da ilha faz parte de parque nacional, onde nada se mata a não ser o tempo, nada

se tira a não ser fotos e nada se deixa, a não ser pegadas na areia, que, mesmo assim, logo o mar trata de apagá-las. A rigor, a quantidade de visitantes da ilha é limitada em nome da ecologia, mas o verdadeiro controle é o que é feito no bolso dos turistas, já que ir para Fernando de Noronha não é nada barato e ficar lá custa mais caro ainda. Tanto que os nativos até inventaram uma moeda informal, o “Noronha”, que é como eles chamam a cédula de 2 reais, já que com a de 1 real você não compra nada mesmo por lá. A brincadeira funciona como um eufemismo para os altos preços de tudo na ilha. Mas, relaxe e não desanime. A beleza de Noronha sempre será infinitamente maior do que o que se gasta para conhecê-la.

### VÁ...

... se, acima de tudo, gosta de praia, de lindas praias.

### NÃO VÁ...

... se for para ficar apenas um dia e voltar.

### ONDE?

Fernando de Noronha fica no meio do Atlântico, a cerca de 350 quilômetros de Natal ou 550 de Recife. De avião, que é praticamente o único meio de chegar lá (a menos que você tenha o seu próprio barco...), leva uma hora de voo a partir da capital do Rio Grande do Norte ou 1h20 de Pernambuco.

### QUANDO?

Chove bastante em abril, mas a seca forte pode até provocar falta de água na ilha em outubro. Evite. Fuja, também, das férias de verão, quando os preços disparam, embora seja a época preferida dos surfistas, por causa das boas ondas. De maneira geral, maio e junho são bons, e setembro, quando nunca chove e o mar fica calmo e muito claro, perfeito..



## SE EU FOSSE VOCÊ...

... não perderia a oportunidade de aprender a mergulhar lá mesmo, fazer um passeio de barco para ver os golfinhos e conhecer, entre outras tantas, as praias do Sancho e Baía dos Porcos.

... assistiria ao pôr-do-sol do alto do Forte São Pedro, de frente para a praia e vendo o astro-rei sumir devagarinho dentro do mar. É de emocionar.

... ficaria atento na única estrada da ilha, a folclórica BR-363, a segunda menor rodovia federal do Brasil, que tem apenas 7 quilômetros de extensão, baixíssimo movimento de veículos e, mesmo assim, sofre um intenso policiamento. Não estranhe, inclusive, se o seu táxi (que lá inevitavelmente será um buggy) for parado duas vezes, na mesma hora e

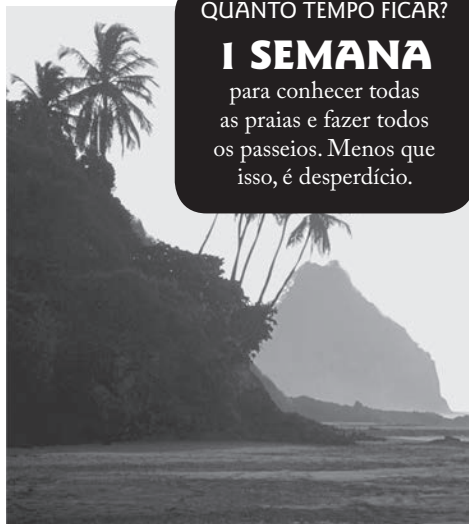
pelo mesmo policial, que, ainda assim, pedirá para ver novamente os documentos, que ele acabou de ver antes.

... levaria dinheiro vivo e trocado, porque só há uma agência bancária na ilha e troco por lá é tão raro quanto turista mal-humorado.

... não colocaria a viagem à ilha dentro de outro pacote, como Porto de Galinhas ou Natal, como sugerem algumas agências, porque três dias em Noronha resultam num só, já que os outros dois serão perdidos na própria viagem.

... ficaria hospedado nas pousadinhas Alamo, Marcilio ou Tia Zete, se não quisesse gastar demais, ou nas transadíssimas Zé Maria, Teju-Açu e Maravilha, se o seu sonho não tiver preço.

Conhecer Noronha  
não é um sonho e sim  
uma missão,  
que todo brasileiro  
deveria perseguir. Por-  
que não existe ilha  
mais bonita  
no nosso país.



QUANTO TEMPO FICAR?

**1 SEMANA**

para conhecer todas as praias e fazer todos os passeios. Menos que isso, é desperdício.

### APROVEITE PARA...

... conhecer Recife ou Natal, já que seu avião inevitavelmente partirá de uma das duas. Mas não troque dias na ilha por nenhuma delas.

## Lençóis Maranhenses

**H**á, no Maranhão, um lugar que nem parece Brasil – porque não existe nada parecido com ele por aqui. São os Lençóis Maranhenses, uma espécie de deserto tropical, com muita areia e enormes dunas, espalhadas por uma gigantesca área vazia. É uma paisagem insólita, impactante, acima de tudo, diferente. Especialmente porque, embora lembre um deserto, o que não lhe falta é água. E água doce, limpa e potável, represada em milhares de lagoas, uma ao pé de cada duna. As dunas se sucedem em ondas, como num oceano. Quando você consegue galgar uma, descobre que a seguinte é ainda maior. E que para chegar até ela será preciso, primeiro, descer a que subiu e começar tudo de novo. A vantagem

é que, entre uma e outra, sempre há uma lagoa para retomar o fôlego. E a desvantagem é que, em seguida, você ficará tentado a ver se a lagoa que existe após a próxima duna é ainda mais bonita e aí vai indo, indo, até que, com o vento apagando suas pegadas na areia, qual era mesmo o caminho de volta? As lagoas são formadas pelo represamento das chuvas e aquecidas pelo sol. Não são quentes nem frias. Apenas, perfeitas. E alteradas pelos humores dos ventos, que movem as dunas, sem parar. Em horas, tanto uma duna pode tomar o rumo oposto, quanto uma lagoa ser partida em duas. Protetor solar? Sim, você vai precisar. Tanto quanto uma câmera, para provar que os Lençóis não são uma miragem.

### VÁ...

... se assistiu – e gostou! – do filme *Casa de areia*, que foi gravado lá.

### NÃO VÁ...

... se não agüenta escalar uma duna e cansa só de atravessar uma praia.

### ONDE?

Os Lençóis têm 70 quilômetros de extensão por 50 de largura e ficam no sul do Maranhão, a cerca de 200 quilômetros de São Luís. Uma ótima estrada leva até Barreirinhas, que é a porta de entrada da região. Mas se quiser curtir o percurso, vá logo de avião até lá, sobrevoando as próprias dunas na maior parte da viagem.

### QUANDO?

Os Lençóis têm dunas o ano inteiro, mas lagoas não! Elas só aparecem de maio a agosto, após as chuvas (que vão de dezembro a abril) e começam a evaporar a partir de setembro, secando quase totalmente em seguida. Portanto, se quiser ver a região no auge da sua beleza, vá entre junho e julho. Depois disso, os Lençóis viram só areia.

## SE EU FOSSE VOCÊ...

... nem pensaria em fazer longas caminhadas pelo areal, porque o sobe-e-desce daquelas “morrarias”, como os nativos chamam as dunas, é de fazer camelo pedir água.

... ficaria hospedado em Barreirinhas, na simples mas simpática Pousada do Rio, na beira do próprio rio Preguiças, que corta a cidade, e com direito até a prainha particular, ou no resort Porto Preguiças, que tem uma curiosa piscina com fundo de – adivinhe só! –... areia. Mas, se quiser se isolar totalmente, fique na Pousada Rancho dos Lençóis, no afastado povoado de Atins, a uma distância caminhável das primeiras dunas, mas com acesso só por barco.

... faria o passeio de barco pelo rio Preguiças (que tem esse nome porque suas águas correm tão lentas que, às vezes, não dá nem para saber para qual lado estão indo) e pararia nos Pequenos Lençóis, como são chamadas as

dunas que se desgarraram do areal e foram parar na margem do rio.

... pararia, na ida ou na volta, na rústica vila de Santo Amaro do Maranhão, a 96 quilômetros de Barreirinhas, que tem outra linda lagoa permanente, a das Gaivotas.

... levaria dinheiro em espécie, porque Barreirinhas é pobre em bancos e poucos lugares da cidade aceitam cartões de crédito.

... não descuidaria do protetor solar, porque o sol é sempre forte nas dunas, mas o vento constante engana bastante.

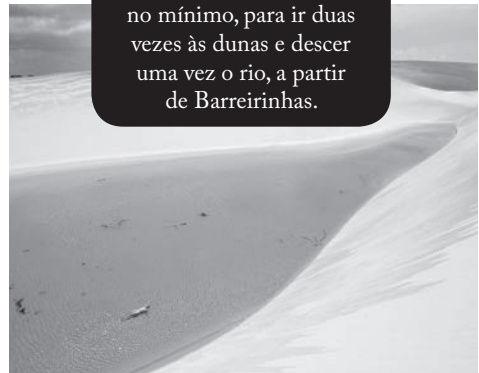
... iria de avião para Barreirinhas, sobrevoando os Lençóis, ou, no mínimo, faria um sobrevôo das dunas quando já estivesse lá. Voar é a melhor maneira de ter a real dimensão daquele areal.

Os Lençóis são um mar de dunas entre milhares de piscinas naturais. Não existe nada igual no Brasil.

QUANTO TEMPO FICAR?

**4 DIAS**

no mínimo, para ir duas vezes às dunas e descer uma vez o rio, a partir de Barreirinhas.



### APROVEITE PARA...

... conhecer, também, São Luís, capital do Maranhão, e o seu Centro Histórico, que é Patrimônio da Humanidade, já que você inevitavelmente chegará por lá mesmo.

## Rio de Janeiro

O Rio não é apenas a cidade mais famosa do Brasil. É uma das cinco mais bonitas do mundo! E como todas as grandes cidades do mundo, tem até *slogan*: “Cidade Maravilhosa”. Nem precisava, porque qualquer um que olhar a cidade do alto chegará à mesma conclusão: o Rio é realmente lindo – uma rara combinação de praias com montanhas, capaz de arrancar elogios até do mais crítico dos turistas. Lá de cima, vendo o Rio se descortinar feito um espetáculo geográfico, todo mundo fica meio mudo. A natureza foi tão generosa com a cidade que proveu o Rio com mirantes naturais, como se fosse um desperdício ir até lá e não ver aquela beleza toda. Visão mais bonita deve ser proibida. O Rio é tão belo que

seduz até quem é mais famoso do que a própria cidade. Certa vez, Tom Jobim disse que não morava no Rio: ele “namorava” o Rio. Já quem pisar nas areias de suas praias encontrará corpos tão perfeitos que julgará ter entrado no *set* de gravação de *Malbação*. Aliás, o próprio carioca faz parte da paisagem. Um povo irreverente, que adora estacionar o carro em cima das calçadas, ligar o ar-refrigerado no máximo e se preparar, desde já, não importa qual seja a época, para o próximo Carnaval – que é tão importante para a cidade que, a rigor, ela deveria chamar-se “Rio de Fevereiro”. E ainda tem Ipanema, Copacabana, as ruas do Centro, o Horto Florestal, o Maracanã... O Rio não cabe numa só viagem.

### VÁ...

... se acha que bonita mesmo é a Baía de Sydney, na Austrália.

### NÃO VÁ...

... se não tiver senso de humor para as brincadeiras dos cariocas.

### ONDE?

O Rio de Janeiro fica naquela parte do litoral brasileiro onde Deus realmente caprichou na paisagem. Quem tiver dúvidas sobre isso, que embarque num avião da ponte aérea e chegue na cidade pelo alto, sobrevoando suas praias e montanhas. De São Paulo, são apenas 400 quilômetros. Ou menos de uma hora no tal avião da ponte aérea.

### QUANDO?

O Rio é quente e animado o ano inteiro. No verão, a cidade entra em ebulição total, com o *réveillon* e o Carnaval, mas, vira-e-mexe, é vítima das fortes chuvas que desabam em janeiro e fevereiro. Já o clima mais agradável é de abril a junho, com ênfase em maio, quando não faz tanto calor e praticamente não chove na cidade.